

## Cem Anos da Terceira Internacional (1919 – 1943)

Wilson do Nascimento Barbosa

Professor MS – 6 de História Moderna e Contemporânea (aposentado)

**Resumo:** A Internacional Comunista, ou Terceira Internacional, foi concebida para substituir a Segunda Internacional (Social-democrata). Desde sua fundação, a III Internacional procurou fundar em todos os países do mundo um núcleo de militantes socialistas de compreensão bolchevique, ou seja, militantes capazes de adotar a estratégia produzida pelo movimento operário russo como um roteiro para alcançar o poder político e materializar a sonhada revolução, agora em escala mundial. O leninismo, corrente de pensamento que levou à vitória a Revolução de Outubro, se baseia em duas observações da época do imperialismo: (a) o crescente desenvolvimento desigual entre os diferentes países; (b) o acirramento pelo capital da exploração dos países coloniais e dependentes. No presente artigo, buscaremos elencar aspectos do papel da Internacional Comunista na formação de um novo tipo de movimento revolucionário em todo o mundo.

**Palavras-Chave:** Internacional Comunista; Leninismo; entreguerras; Revolução Russa; História Contemporânea.

**Abstract:** The Communist International, or Third International, was designed to replace the Second International (Social Democrat). Since its founding, the III International has sought to found in every country of the world a nucleus of Bolshevik-comprehended socialist militants, that is, militants capable of adopting the strategy produced by the Russian labor movement as a roadmap for achieving political power and materializing the dreamed revolution, now on a world scale. Leninism, the current of thought that led to the victory of the October Revolution, is based on two observations from the epoch of imperialism: (a) the increasing uneven development between different countries; (b) the intensification by capital of the exploitation of colonial and dependent countries. In this article, we will seek to treat aspects of the Communist International's role in shaping a new type of revolutionary movement around the world.

**Keywords:** Communist International; Leninism; in-between wars; Russian revolution; Contemporary history.

“Do que precede resulta que, nestas insurreições historicamente condenadas (Viena 1917, Cantão, 1905, Cantão 1927, Xangai 1926, Xangai 1927; etc), o proletariado, como parte atacante, depois de haver assestado a seu inimigo de classe uma série de golpes, mais ou menos sensíveis, está fatalmente designado, mais cedo ou mais tarde, a reduzir-se à defensiva, esforçando-se por infligir por este meio ao adversário o máximo de perdas materiais e morais, com a esperança de esmagá-lo por uma nova ofensiva, quando isto seja possível; Nesse casos, a defensiva é para o proletariado o único meio de combate possível. É preferível ser esmagado combatendo, causando ao adversário uma derrota parcial e desorganizando suas filas, a ser derrotado sem combate. A luta será então defensiva para o proletariado, não só taticamente, mas também política e estrategicamente”.

Mikhail Tukhatchevsky

Em março de 2019, completou a Terceira Internacional (1919 – 1943) cem anos de sua fundação. Criada no auge do otimismo revolucionário que resultou da vitória da chamada Revolução Russa de 1917, a Internacional Comunista procurou separar, com sua estratégia de tomada do poder, os quadros do então movimento operário socialista que eram internacionalistas, daqueles que haviam durante a primeira Guerra Mundial, seguindo suas burguesias nacionais, votado em parlamentos o orçamento de guerra e, pior, levado massas de milhões de trabalhadores a se carnearem mutuamente na maior guerra conhecida até então. Para os internacionalistas, nada podia ser pior do que “atrelar-se no carro de guerra” do capital imperialista e devorar os seus próprios filhos, como Tântalo, num festim desse tipo.

A Internacional Comunista, ou Terceira Internacional, foi assim concebida para substituir a Segunda Internacional (Social-democrata), considerada fortim da traição aos interesses de classe dos trabalhadores, em escala mundial. Desde sua fundação, a III Internacional instalou-se com uma superioridade moral incontestada e procurou fundar em todos os países do mundo um núcleo de militantes socialistas de compreensão bolchevique, ou seja, militantes capazes de adotar a estratégia produzida pelo movimento operário russo como um roteiro para alcançar o poder político e materializar a sonhada revolução, agora em escala mundial.

O coroamento da estratégia de luta de classes do leninismo se centrava na tomada do poder por meio de levantes populares, estando o proletariado de cada país na posição de força condutora do processo, com forte apoio do campesinado. Esta concepção estratégica far-se-ia chamar “o caminho universal da Revolução de Outubro”, em que a luta proletária e camponesa chegaria sempre ao poder através da luta armada, dentro de um movimento de insurreição popular.

O principal líder da chamada “corrente centrista” na Terceira Internacional, assim define o ano de 1917, como o ano da reviravolta revolucionária na Rússia Czarista. Disse Joseph Stálin:

## “As Reviravoltas Históricas do Desenvolvimento da Rússia

1. A reviravolta de 1904-1905 (a guerra russo-japonesa pôs a nu, por um lado, toda instabilidade da autocracia e, por outro, a potência do movimento proletário e camponês) e as Duas Táticas, de Lenine, como plano estratégico marxista corresponde a esta reviravolta, a qual deveria conduzir à revolução democrático-burguesa (nisso reside a essência da reviravolta). Não uma transição liberal burguesa como o czarismo sob a hegemonia dos democratas constitucionais, mas uma revolução democrático-burguesa sob a hegemonia do proletariado. (Nisso reside a essência do plano estratégico). Esse plano partia do pressuposto de que a revolução democrático-burguesa na Rússia impulsionaria o movimento socialista do Ocidente, desencadearia ali a revolução e facilitaria a passagem da Rússia, da revolução burguesa, à revolução socialista (v. também as actas do III Congresso do Partido, os discursos de Lenine no Congresso e também a análise do conceito de ditadura, feitas tanto no Congresso como no opúsculo ‘A vitória dos democratas constitucionais’). É indispensável calcular as forças, internas e internacionais, empenhadas na luta, e em geral fazer a análise da economia e da política do período da reviravolta. A Revolução de Fevereiro encerrou este período com a realização de pelo menos dois terços do plano estratégico das Duas Táticas.

2. A reviravolta de Fevereiro e Março de 1917 em direção à revolução soviética (a guerra imperialista, varrendo o regime autocrático, revelou a extrema debilidade do capitalismo e a absoluta inevitabilidade da revolução socialista como única saída da crise).

A diferença entre a ‘gloriosa’ Revolução de Fevereiro, feita pelo povo, pela burguesia e o capital anglo-francês (do ponto de vista internacional essa revolução não trouxe nenhuma mudança séria à situação, pois, ao entregar o Poder aos democratas constitucionais, foi a continuação da política do capital anglo-francês) e a Revolução de Outubro, que mudou tudo.

As ‘Teses’ de Lenine, como plano estratégico correspondem à nova reviravolta. A ditadura do proletariado como saída. Este plano parte do Pressuposto: ‘Começaremos a revolução socialista na Rússia, derrubaremos a nossa burguesia, desencadearemos assim a revolução no Ocidente e, em seguida, os camaradas do Ocidente ajudar-nos-ão a levar a cabo a nossa revolução’. É indispensável a análise da economia e da política, internas e internacionais, neste período de reviravoltas (período de ‘dualidade de Poder’, coligações, complot do general Kornílov como indício do fim do poder de Kerenski, eferverscência nos países ocidentais suscitada pelo descontentamento contra a guerra).

3. A Revolução de Outubro de 1917 (reviravolta não só na História russa, mas também na história mundial), a instauração da ditadura do proletariado na Rússia

(Outubro-Novembro-Dezembro de 1917 e primeiro semestre de 1918), como ruptura da frente social internacional contra o imperialismo mundial, ruptura que determina uma viragem para liquidação do capitalismo e a instituição da ordem socialista em escala mundial, e como era que dá início à guerra civil em lugar de guerra imperialista (decreto sobre a paz, decreto sobre a terra, decreto sobre as nacionalidades, publicação dos tratados secretos, programa do trabalho de construção. Discurso de Lenine perante o II Congresso dos Sovietes, opúsculo de Lenine: 'A tarefa do Poder Soviético', edificação econômica)"

## O Marxismo-Leninismo

“Quem deixa o terreno do marxismo cai em puras abstrações”

Ho Chi Minh (1926)

A compreensão bolchevique da necessidade da insurreição se dava como resultado da experiência de “três revoluções na Rússia” e a observação histórica da luta “em numerosos países”. Isto significava uma separação total de qualquer outra corrente – ainda que à época autodeclarada marxista – que não aceitasse a insurreição como fato inevitável. No entendimento bolchevique, concepções que negassem a radicalidade na luta de classes, caso se declarassem marxistas, eram na verdade meros equívocos teóricos, na prática, traição aos interesses do povo trabalhador. Tratava-se portanto de difundir a experiência da revolução vitoriosa e construir partidos revolucionários capazes de levar à vitória em escala global. Os reformistas, dessa forma, eram aqueles que haviam deixado o terreno do marxismo, e especulavam quanto a possibilidades que não se dariam.

É impossível imaginar o entusiasmo que os pobres e oprimidos sentiam, ao conhecer que uma fortaleza do capitalismo, como o antigo Império Russo, houvesse caído. Os dirigentes revolucionários que conduziram tão grande feito gozariam – é claro – do apoio e admiração entre cada punhado de pobres e oprimidos, onde quer que se encontrassem, que chegassem a conhecer tal fato.

As massas populares deviam, portanto, se organizar em toda parte, criando partidos de trabalhadores que defendessem a ditadura do proletariado como forma que permitia sair do capitalismo, e permitir a construção de um mundo novo. Colocava-se assim no centro do problema político não uma (ou várias) vitória(s) eleitoral(is). Mas a necessidade de uma luta aberta contra o poder burguês, e o que talvez fosse pior, suas formas coloniais e neocoloniais. O ataque frontal contra a sociedade burguesa era para onde apontava o

ariete bolchevique: a destruição do Estado opressor através de uma aliança de pobres, a aliança operário-camponesa no centro de tudo. A revolução era o primeiro passo para uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade em que a solidariedade substituísse a competição.

Todas as lutas dos trabalhadores deviam ser agora vistas como passo numa escala para obter a compreensão da sociedade em termos políticos. Era agora o momento de “tomar o céu de assalto”. Era chegado o momento de ter um partido político que efetivamente fosse um estado-maior da luta de classes e não uma camarilha interessada apenas em uma vitória eleitoral, para “correr a negociar” com a verdadeira classe dominante. O estado-maior da classe apontava para organizar-se independentemente na luta de classes, fosse na “frente econômica”, fosse na “frente política”. Organizar-se por fim, para uma “guerra de classes”, com a conquista do poder político. Esta conquista do poder exigia uma preparação de classe e da aliança operário-camponesa para uma - ou várias”- insurreição popular.

A insurreição – demonstrava a dialética negativa – não era ou é uma coisa simples. Para a teoria marxista, ela se manifesta de diferentes formas, conforme as forças sociais em presença e o resultado objetivo da luta dessas classes para seus interesses imediatos. Ela pode se manifestar por diferentes – e até contraditórias – fases. Há aliados táticos e aliados estratégicos. Lenine chamava a atenção o fato de que no plano político forças políticas podem estar constituídas de natureza e interesses contraditórios. A luta de classes se dá na notícia, de acordo com formas que expressam clivagens e não pureza social. Por exemplo, a polícia e outras instituições são em geral recrutadas nas classes trabalhadoras, mas não os seus chefes, que vêm das classes dominantes. A luta ideológica e a luta política se misturam, e se manifestam como dados históricos-concretos, que não são necessariamente o que deveriam ser.

Por isso a insurreição deve se estudada cientificamente e preparada como uma arte de execução. Ela tem um projeto e em sua execução o projeto se manifesta como uma forma possível. Como uma forma de ofensiva (movimento estratégico de ataque), a insurreição requer quatro fases: (a) preparação; (b) assalto; (c) consolidação; (d) exploração do êxito. Caso ocorra uma derrota parcial, as fases (c) e (d) ver-se-ão prejudicadas, colocando para as forças insurretas o desengajamento rápido e a retirada de acordo com roteiro pré-estabelecido.

As fases da insurreição possuem cada qual um tempo próprio, sendo a fase de preparação no tempo longo e as demais fases em tempos cada vez mais breves. Uma insurreição vitoriosa dá-se em três ou quatro dias, no máximo duas semanas; uma insurreição derrotada, pode durar apenas algumas horas. O conhecimento da situação combina na fase de preparação o estudo cuidadoso das condições para obter uma vitória e estabelecer artisticamente os meios para garantir o assalto. O cenário de uma insurreição é quase sempre o espaço urbano, onde se destrói um centro de poder da classe adversa. No entanto, de acordo com a natureza

da insurreição, ela pode se dar numa área puramente rural para levar a desdobramentos estratégicos desejados necessários.

## A Internacional Camponesa

“As condições da luta, a amplitude do movimento revolucionário nos campos e o caráter dos objetivos que se propõe a população camponesa em cada momento e em cada país, determinam a forma da luta de guerrilhas. Desta forma se deduzem, por sua vez, a organização e estrutura dos destacamentos guerrilheiros. O partido do proletariado tem em cada momento o dever de levar em conta as condições concretas para dar ao movimento de guerrilheiros as formas que correspondem a esta situação e para dirigir suas operações. A direção do movimento de guerrilhas não deve ser somente política mas também militar e tática”.

Ho Chi Minh (1926)

Ho Chi Minh e o polonês Dombal criaram para si a “Krestintern”, a “Internacional Camponesa”, um tanto à margem e sem o reforço material que seria necessário, quanto aos órgãos dirigentes da Internacional Comunista. A base de apoio de ambos junto aos dirigentes principais da Internacional consistia em utilizar um informe elaborado por eles, que caracterizava inúmeros países europeus (Romênia, Iugoslávia, França, Itália, etc.) como lugares em que o camponês pobre era mais importante para a construção da aliança operário-camponesa do que havia se dado na revolução russa e nas insurreições alemãs. Ho Chi Minh, deslocando-se entre Londres, Paris, Hamburgo, recrutou centenas de trabalhadores asiáticos que viviam na Europa, tirando-os de empregos em serviços como restaurantes, barcos, hospitais, etc. Aí não faltavam dezenas de estudantes que vinham fazer a universidade na Europa, membros que eram de famílias prósperas na Ásia. Ho e Dombal colocaram esses futuros quadros em cursos militares na Alemanha de Weimar e nas escolas soviéticas de formação militar. Em Moscou e Petrogrado, muitos foram colocados em turmas já organizadas. Ali faziam os cursos “pendurados” pelos acordos feitos entre instrutores e membros da Internacional Camponesa. Valendo-se da sua posição de elementos de ligação da III Internacional, Ho Chi Minh e Dombal (e também seus

“assessores” como Chou En Lai) embarcavam os quadros assim formados de volta para a Ásia através da IWW (Internacional dos Trabalhadores do Mar). Grande parte da formação de quadros militares do P.C. Chinês e do P.C. da Indochina se deu assim de forma “espontânea”, fora do controle direto do comando da III Internacional e do Exército Vermelho Soviético. A fronteira da República de Weimar ao norte podia ser atravessada à noite sem documentos, utilizando-se guias locais; o acesso à Polônia, à Ucrânia e à Bielorrússia garantia uma movimentação numerosa sem controle nos dois sentidos, do que se valiam as redes dos movimentos que necessitavam passar elementos de um território para outro.

Na Internaciona Camponesa constitui-se desde cedo a visão de que a insurreição apresentaria formas combinadas (urbana e rural) e se daria no longo prazo. A expectativa dos dirigentes da Internacional Camponesa verificou-se correta nos cinquenta anos vindouros (1920 – 1970). Os partidos comunistas assim criados na Ásia revelaram-se capazes de dirigir importantes movimentos nacionais em seus países, triunfando de todo na luta pelo poder em muitas partes. O espírito bolchevique de Ho Chi Minh pode ser observado em sua tese: “Não somos bastante fortes para apenas nos defendermos. Por isso devemos atacar o inimigo de diferentes formas e sem descanso”.

Ho Chi Minh chamava a atenção para um feixe de características que a luta camponesa devia atravessar, para assegurar a vitória do proletariado. Vamos resumir alguns pontos:

- (1) Não é possível a vitória da revolução proletária nos países agrários e semiagrários, sem sustentar a luta do proletariado no grosso com a ação da população camponesa;
- (2) Só uma sólida aliança operário-camponesa pode levar a cabo a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária;
- (3) É necessário nesses países construir um bloco revolucionário do proletariado com os camponeses pobres para a efetivação das tarefas da revolução democrática;
- (4) Na China, na Índia, na América Latina, e em muitos países da Europa (Balcãs, România, Polónia, Itália, França, Espanha, etc.) o aliado decisivo do proletariado é a população camponesa;
- (5) Uma onda revolucionária mobiliza as massas agrárias e torna possível a vitória do proletariado;
- (6) A organização dos levantes camponeses, com a organização dos destacamentos guerrilheiros que lutam contra os grandes proprietários, ricos rurais, grandes comerciantes e açambarcadores; que lutem contra todos os poderes do campo e da cidade, pode garantir o confisco e a repartição da terra, a supressão das dívidas e a tomada do poder político pelo movimento camponês.

## O Insurgente

“Os insurgentes, que habitam a cidade, a conhecem de modo admirável, sabem orientar-se, sabem as condições de existência nela, etc. Graças a tudo isto, dispõem de todos os meios para assegurarem-se as vantagens de um ataque súbito, para aparecer de improviso onde menos esperam seus inimigos, a fim de executar saídas vitoriosas com o favor das trevas e, em caso de fracasso, para desaparecer sem ser vistos, com objetivos de empreender uma nova operação em outro bairro, com novas finalidades.”

Mikhail Tukhatchevsky

Vamos aqui exagerar, em três ou quatro parágrafos, o modo de pensar bolchevique, através de uma caricatura de sua dialética. O rico entende que o bolchevique odeia (ou odiava) a riqueza, quando não é bem assim. O bolchevique deseja a riqueza, pretende o crescimento econômico, mas detesta que a riqueza só acrescente aos já ricos, através do excesso de acumulação privada e da concentração (brutal...) da renda. O bolchevique considera o capitalismo o mais abominável sistema de exploração, porque ele nega – como sistema – à maioria, a quase incomensurável nova oportunidade de diversificação de bens acarretada pelo progresso do conhecimento e da ciência.

Daremos em seguida em algumas linhas o modo de pensar dialético, que caracterizava a ação bolchevique.

A mais grandiosa falha do sistema dos exploradores é, por resultado da acumulação em excesso de riquezas, produzir, na outra ponta, pobres em excesso. Como a exploração tem um componente de sadismo que não pode ser afastado do enriquecimento, os ricos têm prazer em ver vidas destruídas, pessoas com vestes rasgadas, famélicos a caminhar em toda parte. Este miserável que tanto leva o rico a se deleitar em seu próprio sucesso é, na verdade, a falência do sistema a ponto de não poder sobreviver à sua miséria interior. Como apontou Rousseau; como indica aqui o futuro Marechal Tukhachevsky, o pobre é a perdição do sistema de exploração. Sendo o capitalismo o mais sofisticado desta miríade de sistemas, ele deixa a caminhar pelas ruas e estradas todas as formas pretéritas de pobreza, unindo-as aqui sob a única aparência: o homem sem salário.



Sim, o desempregado é a cova aberta do sistema, a certeza de que o sistema não pode sobreviver ao mal que causa.

O poder do capital se centra nas cidades. Ali estão os capitalistas mais poderosos, a polícia que guarda o Estado, as principais instituições do mesmo, escolas, quartéis, presídios, depósitos de armas, de alimentos e de torturadores de todo tipo. Mas ali na cidade também está o assalariado. Ali está o contra-momento do assalariado, a imagem dele que o espanta e para a qual marcha de modo inexorável: o pobre, o desprovido de tudo, o miserável. Quer a dialética que se unam tais personagens em sua ligação de existência: pobre-assalariado-burguês. O operário, o pequeno proprietário, oscilam: em sua transformação positiva, se transformam em capitalista. Em sua transformação negativa, se transformam em pobre, na essência do pobre, o miserável. No entanto, na cidade, não se dá a dissolução social, metamorfoseada em drama do indivíduo, que se dá na imiseriação do trabalhador rural. Na cidade, descem todos os pobres, compelidos entre si, pela escada da miséria, ao mesmo tempo – e por isso – que a riqueza se reproduz e se acumula.

Sabe bem cada bolchevique que a cidade é a arena em que todas as coisas se decidirão. Ali serão arriadas todas as cartas. Ali se virará a mesa, num bailado sem fim, em que qualquer que seja o desfecho, apenas um desfecho pode ser aceito como definitivo. Todos os trabalhadores braçais que caminham pela cidade são insurgentes potenciais. Separa-os da insurreição apenas aquela gota d'água, o despertar de sua consciência social, aquele erro por exagero dos dominadores. Todo pobre, todo homem de quase tudo desprovido, todo elemento constantemente humilhado pela presença da riqueza e da força policial, é um insurgente em seu estado adormecido. Basta um treze de junho qualquer, um “domingo sangrento”, para dar-se o estranho despertar, dar-se a ruptura com os dominadores. Vive aí, com a organização bolchevique, a fase da preparação insurrecional. Se a organização está presente, a vitória é possível.

Na preparação insurrecional, o bolchevique caminha nas ruas, semeia o seu trabalho revolucionário. Organiza células de militantes ali onde o pobre está: na cadeia, nas casas da periferia, nas fábricas, nas empresas que vendem serviço. Na fase de preparação, um partido da classe operária recruta trabalhadores de todo tipo, recruta desempregados e o grosso da juventude. Assim nasce a repartição política da cidade entre grupos de pobres e trabalhadores que obedecem o mesmo comando. Assim se constrói a organização militar paralela, a rede militar, que é a menina dos olhos da propaganda e da agitação bolchevique. Este trabalho implacável, a organização deste formigueiro de desordem dorme no silêncio, como sabem fazer as formigas do Quênia e da Tanzânia, antes de destruir uma fazenda. Aqui, no caso sob exame, a “fazenda” é uma cidade capitalista desumana nas suas entranhas coloniais ou neocoloniais. Através do “serviço de catalogação”, a cidade cai lentamente sob o controle da arte operacional bolchevique. Um dia ela acordará insurreta. Esta é a crença e o

fundamento do trabalho da Internacional Comunista, a doutrina político-militar que é exclusivamente do leninismo.

## O Quadro Bolchevique

“Quando se trata do proletariado e de sua vanguarda, quase sempre sua derrota tática muda a fase de sua luta estratégica”

Lili San

O pensamento bolchevique compreendia como extremamente favorável à luta e à vitória da revolução na “época do imperialismo”, o fato de manter tensionadas as forças políticas, ou seja, praticar uma ação política permanente e incessante. Para os bolcheviques, a vitória da Revolução de Outubro significava uma viragem na relação de forças entre o proletariado e a burguesia. Viragem que se dera em favor do proletariado, permitindo-lhe liderar todas as formas de mudança social que fossem factíveis. Para Frunze, Gusev, Trotsky, Shaponishkov, Thukatchevsky, Stálin, Voroshilov, entre outros, a tomada do Estado czarista e a formação de um novo exército da classe traziam consigo a formação de uma nova doutrina militar, proletária em sua natureza, que deveria corresponder à ciência política leninista. O conteúdo dessa nova doutrina valorizava a atividade permanente apresentando o princípio da ofensiva como superior àquele da defensiva. A capacidade de antecipar-se à ação do inimigo seria assim a fonte de sucessivas vitórias. A Revolução de Outubro tornava verdadeira a possibilidade da revolução mundial e esta seria dirigida pelo proletariado, trazendo o campesinato pobre como seu aliado principal.

A revolução democrática era agora uma possibilidade geral, abrindo com suas diferentes formas o passo à revolução socialista. As “quatro forças” sociais iriam agora combinar-se de acordo com as necessidades de cada país para tornar ali possível que se desse a grande transformação de nosso tempo histórico. Quais eram estas “quatro forças”? O proletariado, a pequena burguesia industrial, os camponeses pobres e os pobres das cidades. As várias combinações possíveis dessas forças, desdobradas em um cenário mundial, geravam como necessidade a ser resolvida graus diferentes de movimentos insurreccionais, formas principal do caminho revolucionário. A doutrina da insurreição era, portanto, parte integrante da doutrina principal do caminho revolucionário. A doutrina da insurreição era, portanto, parte integrante da doutrina militar nova, proletária.

No campo oposto, o da contrarrevolução, situavam-se as forças das classes dominantes, os reacionários, os militaristas e os pró-imperialistas.

Com a formação da Terceira Internacional, dita também a “Internacional Comunista” (I.C.), os dirigentes bolcheviques buscaram formar partidos comunistas em escala mundial, sem descurar da necessidade que viam para tais partidos de que criassem estruturas militares permanentes para dirigir a insurreição popular, à imagem e semelhança da Revolução de 1917.

Sendo a doutrina da insurreição parte da nova doutrina militar, proletária em sua natureza, é evidente que os membros do Exército Vermelho tinham que estar nela completamente instruídos. Isso revela o Manual de Campanha do Exército Soviético e o grande número de quadros bolcheviques, tornados majores, coronéis e generais, durante a Guerra Civil, e logo enviados para lecionar nos cursos de formação política e militar da I.C. e – mais importante – enviados como quadros organizadores de insurreição a diferentes países onde se iniciava a construção da máquina leninista.

A crítica em geral feita ao Exército Vermelho, pelos historiadores ocidentais, de haver mesmo se “imiscuído” na luta revolucionária de outros povos carece, portanto, de qualquer sentido para o pensamento e a ação do militante leninista. Propagandista, agitador, organizador ou general do exército são apenas formas que a luta revolucionária pode impor a um militante. Este irá metamorfoseando-se pelas necessidades políticas e assumindo dezenas de papéis, mudando tanto quanto muda de nome. P. Naúmenko, Grigoróvich, Vaupchássov, Malinovski, Shaponishkov, Unschlicht, Tukhatchevsky, Medvediev, e tantos outros, são prova viva desta prática multifacetada leninista, em que os quadros desempenham sucessivos papéis táticos, operacionais e estratégicos. Aliás, historiar Medvediev, por exemplo, é formidável lição quanto a este aspecto. Operário metalúrgico e agitador bolchevique que combateu em julho e outubro de 1917, ganhou seus galões de general na Guerra Civil, iniciando nela sua participação como chefe da CHEKÁ (comandante de pelotão). De uma carreira militar quase tão impressionante como aquela de Frunze, foi levado ao Instituto Militar Superior de Moscou, onde com “Tukha” e Shaponishkov lecionou a arte e a ciência da guerra para Chiang Kaishek e outros cem chineses do Kuomintang. Enviado à China como chefe militar do Kuomintang, na qualidade de número 2 militar daquele partido, dirigiu de fato a Campanha do Norte, a Campanha de Cantão

e Campanha de Xangai, tornado agora general Blücher. Organizador e de fato comandante em chefe do exército nacionalista, recusou-se a continuar no mesmo, depois do massacre de Xangai (1927). Fugiu para a Sibéria, sem autorização da I.C. ou do Exército Vermelho; ali, mais tarde, recebeu o comando local do Exército Vermelho, com que derrotou por completo a tentativa de invasão de Chiang Kai. O general Galán (outro de seus pseudônimos) pertencia à “oposição democrática” na luta interna da URSS e seria mais tarde (1938) executado nos expurgos, com outros generais notáveis que trabalharam na I.C. (Tukhatchevsky, Iakir, Iegorov, Gamarnik, Unschlicht, entre outros).

Na luta interna da União Soviética (1919-1938), o fato de Zinoviev haver sido membro da “Troika” dirigente, após a morte de Lenine (1924) colocou a Terceira Internacional em rota de colisão com a tendência estalinista, força que logo predominou no PCUS.

Os dirigentes do bloco de forças estalinista tenderam a ver, cada vez mais na I.C., uma fortaleza da estratégia contrária, ou ao menos um refúgio perigoso onde se aninhavam quadros internacionalistas. Daí seu esforço contínuo para dar mais autonomia aos partidos locais e separar os seus “umbigos” da estratégia do Estado soviético. A derrota de inúmeras insurreições intentadas nos anos 19(20) levava a tendência estalinista a confiar mais nos esforços internos da União Soviética e menos no potencial revolucionário do proletariado no exterior. Contudo, a nova doutrina, considerada leninista, não podia talvez ser afastada enquanto estratégia. Ela precisava ser contrariada pela análise tática de cada conjuntura, tarefa a que foram consagrados os ativos (congressos diretores) da I.C.. O centro da manobra foi concentrar na I.C. os quadros mais internacionalistas, para afastá-los da posição de mando no Estado soviético.

Por isso, a estratégia recomendada à I.C. variou do enfrentamento com a social-democracia (apogeu da I.C.) à política de frente única do estalinista George Dimitrov (1934-1943). Enquanto os estalinistas preparavam a União Soviética para a guerra mundial que se aproximava, os partidos membros da I.C. definiam suas possibilidades de vitória ou sobrevivência, a partir de suas próprias forças. Para os estalinistas, era evidente que a “primeira estabilização do capitalismo” (1924-1929), ao causar o “refluxo da onda revolucionária”, foi seguida pela “bancarrota da estabilização” (1929-1939), não restando às potências imperialistas nada mais que o recurso à guerra, para destruir a União Soviética, e manter o campo colonial.

Era este o caminho que restava à dominação imperialista, para antecipar-se aos efeitos da “segunda onda revolucionária” que obviamente se punha em marcha. Em toda parte os partidos marxistas acumulavam forças e o capital financeiro devia contrabalançar este fato afastando os governos liberais e fortalecendo as ditaduras fascistas; empurrando o nacionalismo burguês para uma guerra contra o mundo socialista e os territórios colonizados.

A crise econômica mundial de 1929-1933, ao aguçar as contradições do imperialismo, exigia uma nova guerra. Por isto, isolar a União Soviética permitia fazer dela o bode expiatório das contradições interimperialistas. Dessa maneira, a Alemanha foi entregue ao nazismo e o movimento hitlerista foi financiado pelas potências ocidentais. O território soviético era o botim oferecido ao nazifascismo (o eixo Roma-Tóquio-Berlim), o pagamento por uma nova guerra suja, ao estilo da “primeira grande guerra”.

A França e a Grã-Bretanha, que haviam brutalmente saqueado a Alemanha ao fim do conflito (1914-1918), mostravam-se agora “fraternais” à mesma, buscando lançá-la contra a União Soviética. Entregaram por isto a Tchecoslováquia e a Áustria a Hitler, como meio de fortalecimento e prova de boa vontade (outubro de 1938). Após a “capitulação de Munique” (setembro de 1938), as potências ocidentais tinham a certeza de haver fortalecido Hitler o suficiente para lançá-lo contra a União Soviética.

No entanto, o governo soviético iniciou negociações em março de 1939 com a França e a Grã-Bretanha, para evitar seu isolamento e formar um bloco de autodefesa contra o nazi-fascismo. Nessa situação, a Grã-Bretanha desempenhou um papel dúplice: (a) impedia a aproximação com a União Soviética; (b) negociava com a Alemanha, para que a mesma atacasse a União Soviética. Quanto a França, participou das negociações, “cozinhando” qualquer aliança de defesa mútua com a União Soviética.

Paralelamente, a Alemanha nazista, entre maio e agosto, propôs à União Soviética um tratado de amizade e não-agressão, que foi assinado em agosto. Assim, a 1º de setembro, a Alemanha pôde invadir a Polônia, definindo o caráter da guerra – de agressão – atacando um aliado da Grã-Bretanha.

Esta vitória da diplomacia estalinista é fonte de compreensível ódio das potências ocidentais. Hitler não temia a União Soviética, preferindo por isto neutralizar sua fronteira, enquanto ajustava contas com seus

inimigos ocidentais (França e Grã Bretanha). Estes haviam tentado colonizar a Alemanha (1919-1924), como resultado de sua vitória anterior. Por isso, era legítimo o ódio de Hitler a essas potências.

O sentimento de antecipação à ação do inimigo é certamente uma projeção psicológica de um tipo de militância que se conhece minoritária, mas que pretende representar o todo, ou a maioria. Frunze, o jovem general que derrotou os principais chefes da Guarda Branca, incutiu maximamente a ideia de uma atividade constante, a necessidade de reter para si o monopólio da iniciativa, praticar o princípio proletário da ofensiva. A ideia de uma suspensão da atividade, de não aplicar contra o inimigo o “princípio do aniquilamento” (eliminação da capacidade organizativa do inimigo), era visto e compreendido pela direção bolchevique como uma capitulação diante da doutrina burguesa político-militar.

Portanto, na composição da doutrina insurrecional desempenhava um grande papel a manutenção da iniciativa, o estado permanente da forma de agir do inimigo e construção prévia e gradual das futuras operações no plano tático que manifestassem “ações decisivas e de caráter ofensivo” (Tukhatchevsky). Tal maneira de ver desprezava pois a ideia de um repouso ou descontinuidade. A presença estruturada do elemento subjetivo buscava materializar qualquer oportunidade de vitória, com constante mudança de ênfase na forma de luta, uma aplicação radical do princípio da ação surpreendente ou surpressiva. O fracasso deve ser entendido como uma oportunidade de aprendizado, como um momento na luta. Não pode haver garantia prévia da vitória na adoção de uma forma de luta, portanto as dificuldades se põe para ambos os lados na guerra civil. Na arte insurrecional, é preciso levar à máxima tensão o princípio da vitória parcial, o combate em todas as frentes, as alianças temporárias capazes de expressar os princípios que contém em si a vitória: simultaneidade na ação, surpresa e continuidade da ação. Assim, o aspecto básico das ações deve sempre surpreender o inimigo, mantendo-o em estado de inquietação e por completo desviado da possibilidade de exercer o seu programa de poder. De que outro modo se pode interpretar a insurreição tripla de Xangai? (24 de outubro de 1926 – 22 de fevereiro de 1927 – 21 de março de 1927). Como interpretar a insurreição de Hamburgo (1923) de Reval (1924), ou no Brasil (1935)?

Trata-se sempre de despertar novas forças que venham se somar ao que ousa lutar e enfrentar o inimigo em situação não necessariamente favorável. Trata-se de ganhar política e ideologicamente o lado

revolucionário do povo, daqueles que nada têm a perder senão as cadeias que lhes impõe a escravidão. “O vencedor será aquele que encontrar em si a determinação de atacar; o lado que simplesmente se defender, está fadado à derrota” (Mikhail Frunze). As classes dominantes devem aprender que não podem confiar na massa do povo. O primado da ofensiva para o campo popular transforma a conquista do poder em matéria temporal. Diz o Regulamento da Campanha do Exército Vermelho de 1936:

“Toda guerra, ofensiva e defensiva, tem o propósito de derrotar o inimigo. Mas somente a ofensiva decisiva na direção principal, levada avante por uma perseguição denodada, pode conduzir ao completo aniquilamento dos esforços e recursos adversários” (Tukhatchevsky foi o presidente da Comissão que aprovou este Regulamento de Campanha).

O quadro da análise da relação de forças oferece os elementos da realidade necessários à correta compreensão do que está em jogo. Há aqui também uma vitória psicológica dos insurretos, dentro de sua “vitória parcial”, que inviabiliza a estabilidade de mundo em que vivia a classe dominante, antes do advento da luta insurrecional. O grau de avanço das forças populares na luta, que pode ser obtido, é calculado previamente com seu grau possível, para definir a vitória parcial (que pode ser materializada).

Os elementos que permitem a vitória parcial decorrem da superioridade que necessita ser obtida – durante a insurreição – no ponto decisivo da luta, e no momento decisivo. A obtenção desse sucesso deve-se ao súbito engajamento-desengajamento das forças insurrecionais, conforme o plano insurrecional pré-estabelecido. A vitória parcial na insurreição garante (a) a divisão das forças sociais em proveito da insurreição; e (b) a desmoralização do discurso e da ação dominadora. A partir daí, a derrota final da reação torna-se um fator de tempo.

Sendo a insurreição uma forma de estabelecer a ofensiva do povo na luta de classes, a sua execução compreende passar pelas quatro fases da ofensiva: (1) preparação; (2) assalto; (3) consolidação da ofensiva; (4) exploração do êxito. O entendimento dos quadros bolcheviques quanto ao processo insurrecional fazia-se pelo estudo nas academias do Exército Vermelho e nos cursos dados na III Internacional.

## Porque o Leninismo não é apenas Marxismo

A compreensão do marxismo no partido socialista alemão, tal qual foi formulada por F. Engels e desenvolvida por Kautsky e seus seguidores, compreende uma compreensão estrutural que decifra o movimento do capital e as formas societárias que o mesmo engendra, através de seu processo de reprodução. O traço distintivo nele – marxismo alemão – introduzido pelo pensamento russo, em particular por Vladimir Ilitch, constitui no desenvolvimento de uma percepção conjuntural, a partir da qual se restaura a percepção analítica situacional, com a teoria do quadro de forças, ou “relação de forças”, que é produto exclusivo de Lenine.

Para Lenine, a conjuntura não é apenas a forma temporária com que se expressa o movimento estrutural, mas também o momento único, perceptível, em que se envolvem todos os setores sociais efetivamente existentes, com o leque objetivamente proposto de seus prováveis desfechos.

Lenine com isso “retorna” à percepção revolucionária do marxismo, contida no Manifesto Comunista e retomada no 18 Brumário de Luís Bonaparte. A sabedoria analítica dos textos de Marx na segunda Gazeta Renana parecia esquecida na luta da social-democracia alemã pelo poder (1890-1915) e na conversão que fazia do marxismo em mero evolucionismo, carregado inclusive com certa pobreza de uma compreensão racista. É celebre a troca de palavras de Lenine com Bukharin, seu protegido intelectual. Quando Bukharin declarou que o Conselho dos Soviets não podia levar em consideração cada reclamação de “um punhado de cafres”, quanto a constituírem-se em nacionalidade, Lenine lhe respondeu: “tenho vergonha de pertencer ao mesmo partido político que você...”

A percepção de Lenine quanto ao resultado do movimento estrutural das classes, que levou à formulação das “Duas Táticas” (na verdade, duas estratégias) situa o partido bolchevique como fato novo que supera até a rica concepção de luta de classes do Dezoito Brumário. Lenine sabe perfeitamente que só pode estabelecer um poder novo através da violência revolucionária, e entende que a guerra civil é uma guerra “entre as duas parcelas do povo”. Por outro lado, isso implica que a revolução (1) é sempre possível na “época do imperialismo”, fenômeno este que potencializa o caráter transformador da luta revolucionária, colocando de



vez na ordem-do-dia a (2) relação social das formas potenciais que tornam a revolução socialista possível. É aí que se fundamenta a criação da Terceira Internacional, como instrumento capaz – nas mãos do proletariado internacional – de fomentar a conjuntura revolucionária, a partir da análise de correlação de forças.

A época do imperialismo é para Lenine também a época das revoluções. O fato de que o desenvolvimento desigual haja tornado os países cada vez mais diferentes, muda as formas pelas quais a revolução pode se dar, mas não inviabiliza a perspectiva da mudança revolucionária, através de uma sucessão de diferenciações evolutivas. Isso explica, por exemplo, porque, para os dirigentes da Terceira Internacional, tenha probabilidade de revolução cenários aparentemente tão diferenciados como Bulgária, Estônia, Alemanha, e China. Trata-se da mesma revolução que o capital acarreta consigo, sob formas tão diferentes. A “teoria das etapas”, tão ferozmente condenada pelos inimigos do leninismo, nada mais é que o desdobramento do plano estratégico da revolução mundial, tal qual como se manifestam diferentes “momentos” nacionais. Esta teoria oferece o “caminho russo” (segundo os alemães) da revolução mundial, como o “caminho universal da Revolução de Outubro” (através da insurreição operário-camponesa). Ou seja, a analítica da correlação de forças enquanto procedimento lógico, permite aplicar em escala universal o caminho russo, como experiência que se pode aprender, por ser válida. No planejamento da insurreição como forma de guerra de classes, o entendimento bolchevique não se afasta, portanto, da estratégia da burguesia, que admite a guerra local ou limitada como um perigo menor, dentro de sua percepção de classe “clauswitziana”. Daí que – paradoxo aparente – a burguesia internacional julgasse “normal” o surgimento de uma instituição como a III Internacional, capaz de uma guerra parcial contra as classes dominantes. A burguesia do entre-guerras (1919-1939) também se via em guerra contra o proletariado internacional.

Lenine e seus seguidores, julgavam que a “estratégia correta” contida nas Teses de Abril, para transformar a revolução democrático-burguesa de fevereiro em caminho universal da revolução socialista, podia ser a fonte do entendimento estratégico da Terceira Internacional, criando novos partidos e novas conjunturas de caráter revolucionário. A intervenção das tropas da Entente, com a ocupação de Arkangel e Murmansk por ingleses e franceses; a ocupação de Vladivostok e Primorie por tropas japonesas e norte-americanas... tudo isso indica um estado de guerra entre classes que ia além do desmoronamento do Estado

czarista. Greves na Áustria, na Alemanha, na Hungria, na França, etc., mostravam por outro lado o impacto mundial da chamada Revolução Russa. Portanto, a concepção leninista do "quadro de forças" não se afasta da base econômica, mas expressou o grau de independência possível com que se manifestava no plano político os interesses na luta de classes.

### **Preparar a Insurreição**

A questão central para o partido leninista é se colocar na percepção do estado de espírito das massas populares, particularmente do proletariado e do campesinado pobre. Por isto a Terceira Internacional confia no modelo dos "soviets", ou seja, conselhos operários com composição de 60% de operários, 20% de camponeses pobres e 20% de militares. A mobilização desses setores sociais é prioridade para a criação das condições subjetivas que podem levar à insurreição a conduzi-la à vitória. Implica dizer que este era o centro da política de organização do partido bolchevique, com uma política de recrutamento e mobilização orientada por estes tres agrupamentos sociais. Cada qual destas frentes de trabalho compreendia três fases, ou momentos, da luta pela organização independente: (a) recrutamento massivo de operários conscientes politicamente para constituir a base da luta nas cidades que serão libertadas; (b) recrutamento e organização dos camponeses pobres no entorno de tais cidades, para garantir o controle do espaço na ação insurrecional; (c) recrutamento e organização dentro dos meios militares e policiais das cidades objetivadas e suas cercanias.

O entendimento bolchevique da insurreição é que a insurreição é sempre possível nas condições internacionais do mundo dominado pelo imperialismo. Por isto, para os bolcheviques, o divisor de águas entre "revolucionários" e "contrarrevolucionários" passava pelo entendimento e aceitação de insurreição como o centro da luta. É importante observar que os bolcheviques nunca ofereceram outra possibilidade para a transformação que não fosse a insurreição popular.

Contudo, após o término da Terceira Internacional, inúmeros grupos ou partidos nela originados se afastaram do chamado "caminho universal da Revolução Outubro", retirando o estudo e o planejamento da insurreição de suas agendas políticas. Lenine já havia prevenido quanto ao perigo de deixar-se entrar "elementos reformistas" na Terceira Internacional. Esta deveria ser uma organização bolchevique "puro

sangue”, que fosse capaz de manter fora de si os inúmeros grupos social-democratas da esquerda que a buscavam, sem contudo serem partidários da via insurrecional. A Terceira Internacional deveria, pois, ser um viveiro de partidos revolucionários, capaz de construir uma “situação revolucionária” pela formação do fator subjetivo e tentar – quantas vezes fosse necessário – assaltar o poder político. Esta orientação continuou sendo o pano de fundo da atração, mesmo nos períodos em que a organização adotou uma linha de frente única com outras organizações. Daí a importância das chamadas “Vinte e Uma Condições” para um partido social-democrata ser aceito como membro da Internacional Comunista.

(A) Recrutamento Massivo de Operários Conscientes – A Internacional Comunista (I.C.) desenvolveu uma série de organizações internacionais que permitiam troca de experiências e de quadros entre movimentos, sindicatos e partidos de diferentes países. Esta internacionalização de quadros revolucionários facilitaria o recrutamento de operários militantes em toda parte para a linha de ação bolchevique, criando por este modo uma força internacional que pudesse se opor à burguesia internacional. Desse ponto de vista, o mundo todo passava a ser visualizado como um cenário revolucionário único, em que cada país abria caminho para o socialismo, através de revoluções nacionais (vide o fundamento desta tese na Segunda Gazeta Renana).

A teoria revolucionária podia, portanto, ser ensinada como uma doutrina correta a milhares ou milhões de indivíduos em todo mundo, formando uma prática revolucionária capaz de transformar o mundo dominado pelo capital. No entanto, é importante compreender que a revolução não era um bem exportável, mas o produto do desenvolvimento de cada revolução nacional, à luz da correta estratégia leninista.

(B) Recrutamento e Organização dos Camponeses Pobres – O centro da estratégia bolchevique é deter minorias estáveis capazes de revolucionar cada sociedade. Tal só é possível com o recrutamento de milhares e milhões de camponeses pobres, de modo a tornar a aliança entre o operário e o camponês o miolo de toda ação política. A aliança operário-camponesa é, daí, o elemento permanente que assegura a hegemonia das forças revolucionárias, para condução de formas democráticas da revolução à revolução socialista. A vitória isolada para uma dessas classes sociais – operariado e campesinado – não faz parte dos planos de relação de forças dos dirigentes bolcheviques. Portanto, a colaboração efetiva de operários e camponeses em suas diferentes frentes de luta é elemento que possibilita a construção gradual da aliança que permite a vitória da

insurreição. Desse modo, é somente a associação destas massas socialmente majoritárias que torna possível sejam as greves gerais, sejam os movimentos insurrecionais que delas se desdobram.

(C) Recrutamento e Organização Dentro dos Meios Militares e Policiais – O trabalho incansável de agitação e propaganda popular leva indiretamente ao desgaste do aparelho repressivo e controle das massas pelas classes dominantes. No entanto, no entendimento da política leninista, é necessário que ao trabalho de agregação do campo popular, corresponda um enorme trabalho de desagregação do campo inimigo, particularmente de suas forças militares e policiais. Este trabalho de desagregação compreenderia, portanto, duas frentes: (1) o trabalho antimil; e (2) a formação militar própria e independente.

Como o trabalho militar compreendiam os bolcheviques a organização sistemática de propaganda de classe dentro das forças armadas, esclarecendo os soldados e quadros subalternos destas e das polícias quanto à verdadeira natureza de classe dos constrictos, da posição efetiva de suas famílias na sociedade e dos objetivos da luta revolucionária. O trabalho antimilitar visava subtrair a tropa das mãos da burguesia no comando.

Por outro lado, o trabalho militar independente buscava formar seções de combate, companhias e destacamentos militares independentes do Estado burguês, como força embrionária de um futuro exército vermelho, no momento da insurreição. A experiência do trabalho militar independente bolchevique se baseava na formação dos destacamentos vermelhos em Petrogrado, entre junho e outubro de 1917. Militares bolcheviques da Frota do Báltico e do Exército czarista foram enviados aos subúrbios, onde formaram destacamentos de jovens como uma guarda vermelha. Esta experiência foi reforçada com a formação da guarda vermelha no Partido Comunista Alemão, entre 1919 e 1924.

A forma de tais destacamentos era quase sempre de tres esquadras de combate (de três a cinco homens cada), dando origem a uma “seção” (tcheká) de dez a quinze homens, em grupo de combate, portanto. Tais grupos de combate se agrupavam três ou quatro em pelotões; e por três ou quatro, em companhias (cerca de 160 homens). Destes, por três ou quatro, em batalhões. Esta força militar própria estava atada ao espaço que recebia, dentro de um zoneamento militar da cidade, com propósitos de autodefesa e, por fim, insurrecional. Ao conjunto dos comandantes militares das zonas de autodefesa da cidade cumpria elaborar o plano insurrecional da cidade e as variantes dele necessárias. O comandante supremo desta estrutura era nomeado

pelo Birô Político do Comitê Central, e não pela direção do partido na cidade ou na região. Obviamente, o comando militar da cidade estabelecia o seu sistema logístico de apoio. O sistema de informação da rede militar era independente da rede de informação do partido.

## **O Caminho Universal da Revolução de Outubro**

Os traços principais do “caminho universal” que deveriam ser considerados no plano de insurreição armada se expressavam nos três campos: (a) método; (b) tática; (c) técnica. Do ponto de vista do método, a opção pela insurreição armada decorria de um comportamento da massa urbana local, de cansaço da dominação, de constante choques com as forças repressivas e de absoluta desconfiança do povo quanto às autoridades presentes. A escolha de métodos insurrecionais dava-se portanto de percepção de uma situação revolucionária local, capaz de propiciar a vitória parcial das forças revolucionárias. A análise do grau de maturidade das condições locais podia levar à decisão bolchevique de que ali podia dar-se o “princípio da vitória parcial”. O que era este princípio? Era ele possível quando a direção local ou central bolchevique estava convencida de que tecnicamente era possível (1) levantar naquele espaço o proletariado; (2) de que tal levante correspondia à efetuação de uma das fases possíveis da insurreição; e (3) que era possível a vitória parcial, desde que estabelecida a insurreição de modo correto, qual fosse: (a) superioridade de força e meios no ponto decisivo; (b) superioridade de forças e meios no momento decisivo.

A escolha da tática insurrecional, ou do conjunto das ações táticas que a caracterizavam, espelhava a expectativa da direção bolchevique quanto à orientação que os fatos tomariam, neste ou naquele sentido. Os elementos situacionais que se tinham à mão, uma vez optados pela insurreição, de que modo resultariam? Como se pode obter a surpresa nesse elemento “tempo”? Como caracterizar até o presente (momento da decisão) o desempenho obtido nas etapas preparatórias? (Avaliação da profundidade da propaganda revolucionária e do grau de educação política das massas; e seu grau de organização; do papel atual da agitação política, etc.).

Uma vez que não há garantia prévia de vitória na adoção de uma forma de luta, qual o desdobramento possível no desfecho na luta? (Derrota: nesse caso, como evitar que seja total; rotas de retirada, etc.). (Vitória: desdobramentos possíveis).

Quanto à escolha técnica, esta é imposta antecipadamente pelos meios disponíveis e pela natureza do inimigo. Ela deve, portanto, ser manipulada para assegurar às forças revolucionárias: (1) a maior manobrabilidade possível; (2) obtenção de concentração na direção principal de ação escolhida; (3) elevada atividade; (4) flexibilidade de decisão; (5) tenacidade.

O comandante em chefe, militar e político, da insurreição decidida (dito MP) tinha o controle da organização da área e seu comando social. Para ele devia se fazer convergir as informações do chamado “serviço da ordem” (da experiência alemã, “Ordner Dienst”, literalmente serviço de catalogação). Este serviço “catalogava” toda informação importante dentro de cada divisão militar da cidade. (Atenção: divisão feita previamente pelos revolucionários).

São traços do “caminho universal”:

- todas as formas da revolução política e social no século XX expressariam formas da revolução socialista;
- devido ao desenvolvimento desigual, a dominação capitalista sempre se romperá no “elo mais fraco”;
- nas condições das guerras localizadas, qualquer ruptura social ou política é possível;
- o caminho principal da revolução é a insurreição;
- a insurreição pode ser súbita ou intermitente, espontânea ou induzida;
- a época do imperialismo é uma época de crises; ela fornece as condições objetivas da situação revolucionária;
- é preciso construir as “condições subjetivas”;
- é preciso descobrir a forma da revolução através da “análise da relação de forças”;
- etc.

É uma interpretação clássica da “concepção centrada” da Terceira Internacional o folheto de Stálin “Estratégia e Tática Política dos Comunistas Russos”. Vamos citar dele alguns trechos. Diz Stálin:

“1. Estratégia e tática políticas: limites de ação e campo de aplicação. Se se reconhece que o movimento do proletariado tem dois aspectos, um objectivo e o outro subjectivo, o campo de ação da estratégia e da tática limita-se,

indubitavelmente, ao lado subjectivo do movimento. O lado objectivo consiste nos processos de desenvolvimento que ocorrem fora e em torno do proletariado, independente da vontade do proletariado e do seu Partido, processos que, em última análise, determinam o desenvolvimento de toda a sociedade. O lado subjectivo consiste nos processos que se operam no seio do proletariado, como reflexo dos processos objectivos na consciência do proletariado, processos que aceleram ou retardam o curso destes últimos, mas que de modo algum os determinam.”

Ou seja, sem a existência de quadros bolcheviques, dificilmente o elemento subjectivo na situação revolucionária pode seleccionar corretamente a questão da tomada do poder, ou ainda mais grave, materializar de maneira correta o programa das classes revolucionárias. O movimento da sociedade pode oferecer uma oportunidade para uma saída revolucionária. No entanto, as condições subjectivas podem dar-se falseadas. Para o leninismo, o grande problema, pois, das “condições subjectivas” é a presença do verdadeiro elemento revolucionário. Nas condições da “crise geral do capitalismo”, o mundo em que hoje se vive, estão dadas as “condições objectivas”. Prossegue Stálin:

“2. A teoria do marxismo, estudando, sobretudo, os processos objectivos no seu desenvolvimento e no seu declínio, define a tendência desse desenvolvimento, indica a classe ou classes que inevitavelmente estão a emergir para o Poder, ou as que inevitavelmente estão para cair, as que devem cair”.

Ou seja, o marxismo como doutrina permite o conhecimento e a análise da situação histórica de uma dada sociedade, as possibilidades reais de sua classe dominante e o surgimento no cenário de forças sociais interessadas numa mudança radical. Prossegue Stálin:

“3. O programa do marxismo, baseando-se nas conclusões da teoria, determina o objectivo do movimento da classe em ascensão, no caso específico o proletariado, durante um certo período de desenvolvimento do capitalismo, ou durante todo o período capitalista (programa mínimo e programa máximo).”

A elaboração do programa revolucionário permite a vinculação das necessidades imediatas das classes oprimidas com a solução revolucionária de seus problemas. O programa permite esclarecer às maiorias sociais a necessidade inevitável da mudança. O programa permite alavancar as lutas dos pobres e oprimidos para

reivindicação do poder político, única instância que, se posta a serviço da maioria, oferece uma solução permanente para as sucessivas crises. O conhecimento da realidade é o motor da consciência do povo trabalhador. Prossegue aquele autor:

“4. A estratégia, seguindo as indicações do programa e baseando-se na avaliação das forças em luta, internas (nacionais) e internacionais, determina o caminho, a direção geral, que o movimento revolucionário do proletariado deve seguir para alcançar os maiores resultados, dada a correlação das forças que estão a surgir e a desenvolver-se. Em conformidade com isso, a estratégia traça um esquema de distribuição de forças do proletariado e dos seus aliados na frente (deslocamento geral). Não se deve confundir ‘o traçar de um esquema de distribuição das forças’ com o trabalho mesmo (concreto, prático) de distribuição, de deslocamento das forças, que é realizado conjuntamente pela estratégia e a tática. Isto não significa que a estratégia se limita a indicar o caminho e a traçar o esquema da distribuição das forças combatentes no campo do proletariado; pelo contrário, em todo o período da revolução, ela orienta a luta e modifica a linha, a tática do momento, utilizando com habilidade as reservas de que dispõe, manobrando com o objectivo de apoiar a tática”

Vê-se portanto que a intenção do partido revolucionário não é perder-se no imediatismo das lutas parciais, mas utilizar tais lutas como um instrumento da educação política do trabalhadores. É usar este despertar da consciência do trabalhador e do pobre como sujeito capaz de elaborar sua própria história. É munir o trabalhador com um roteiro de vida e de classe, levá-lo a tornar-se sujeito de sua própria luta política. É tirá-lo da posição de coisa na mão dos pregadores e enganadores, a serviço da classe dominante. Um trabalhador pode compreender a estratégia necessária para liberá-lo da exploração capitalista. Armado do entendimento que a sua classe, pode desenvolver na praxis, no processo inevitável da luta de classes. Entender sua estratégia e elaborar sua tática necessária à transformação. Diz Stálin:

“5. A tática, seguindo as indicações da estratégia e da experiência do movimento revolucionário, tanto no próprio país como nos países vizinhos, levando em conta em cada momento determinado o estado em que se encontram as forças, tanto no seio do proletariado e dos seus aliados (maior ou menor grau de cultura, maior ou menor organização e consciência, presença de certas tradições e de certas formas do movimento, formas fundamentais e auxiliares de organização) como no campo do adversário, e aproveitando todo o desacordo e confusão existentes no campo do



adversários, indica as vias concretas a seguir, a fim de que o proletariado revolucionário conquiste as amplas massas e as coloque em posição de combate na frente social (em execução do esquema de distribuição das forças traçadas à base do plano estratégico), para preparar do modo mais seguro os êxitos da estratégia. Em relação a isso a tática dá ou modifica as palavras de ordem e as directivas do Partido”.

É portanto no fato coletivo de sua vida política, na sua assunção enquanto membro ativo da classe trabalhadora, que o membro do proletariado se torna revolucionário através de seu partido. Este tornar-se sujeito de sua história significa torna-se elemento consciente, capaz de assumir uma estratégia para a mudança social e identificar-se com as táticas elaboradas para tal. Observe-se que as táticas mudam, enquanto que sejam diferentes caminhos para assegurar a direção estratégica da luta. A insurreição coloca-se assim como o coroamento de todo um processo conjuntural de acumulação de forças. A perda do momento insurrecional acarreta necessariamente uma derrota no processo de acumulação de forças. Prossegue Stálin:

“6. A estratégia muda nos momentos das reviravoltas históricas, das viragens; abrange o período que vai de uma reviravolta (viragem) a outra; daí orienta o movimento para um determinado objectivo geral, que compreende os interesses do proletariado para todo esse período determinado e tem como objectivo vencer a guerra de classes que ocupa todo esse período. Por isso, nesse período permanece imutável.

A tática, pelo contrário, é determinada pelos fluxos e refluxos que ocorrem em dada reviravolta, em dados períodos estratégico, segundo a correlação das forças em luta, as formas da luta (em movimento), o ritmo do movimento, o campo em que se desenrola a luta em cada momento determinado, em cada zona dada: e como esses factores, no período que medeia entre uma reviravolta e outra, mudam de acordo com as condições de lugar e de tempo, a tática, que não abrange toda a guerra, mas apenas algumas das suas batalhas isoladas, as quais decidem da vitória ou da derrota, muda (pode mudar) várias vezes durante o período estratégico. O período estratégico é mais longo do que o tático. A tática subordina-se aos interesses da estratégia. Os êxitos táticos preparam, de um modo geral, os êxitos estratégicos. A missão da tática consiste em levar em massas à luta, em dar-lhes as palavras de ordem, em conduzi-las a novas posições de tal modo, que a luta no seu conjunto resulte na vitória, isto é, no êxito tático arruína ou retarda o êxito estratégico e, daí, não haver, nestes casos, necessidade de cuidar dos êxitos táticos.

Um exemplo. Nos começos de 1917, no período de Kerenski, a nossa agitação contra a guerra, entre os operários e soldados, conseguiu indubitavelmente um resultado tático negativo, porque as massas arrancavam os nossos oradores da tribuna, espancavam-nos e às vezes massacravam-nos; as massas não afluíam ao Partido, mas afastavam-se dele. Essa agitação, no entanto, apesar do seu fracasso tático, ajudou a alcançar um grande êxito estratégico, posto que as massas compreenderam sem demora que a nossa agitação contra a guerra era justa, e isso acelerou e facilitou depois a sua passagem para o lado do Partido.

Ainda outro exemplo. A exigência da Internacional Comunista no sentido de se separar dos reformistas e dos centristas, de acordo com as vinte e uma condições, exigência que evidentemente contém um certo elemento tático negativo, posto que diminuí conscientemente o número dos ‘partidários’ da Internacional Comunista dos elementos instáveis, facto que indubitavelmente contribuirá para o seu fortalecimento e consolidação da sua coesão interna, isto é, para consolidar a sua potência em geral.”

O exemplo dado por Stálin sobre a vantagem estratégica de ter se adotado as “21 condições” implica tanto a compreensão de princípio – para os bolcheviques – da natureza do Estado burguês, quando da situação que deriva deste entendimento, que seja, a necessidade da luta armada para tomar o Estado burguês. Daí para os bolcheviques da centralidade do problema da insurreição. Todas as formas de assalto ao poder do Estado burguês passam – no entendimento bolchevique – por formas de insurreição proletária-camponesa.

Há assim uma ruptura entre o entendimento social-democrata da institucionalidade praticada e produzida pelos operários e pelos camponeses pobres, e a visão bolchevique desse sistema institucional. Para a social-democracia, pela via da obtenção ou imposição do sistema eleitoral universal a uma dada classe dominante, estabelece-se uma via democrática que – apesar de avanços e recuos – permite à classe trabalhadora alcançar em parte ou em todo o poder político encaminhar a transformação do Estado burguês em um Estado de todo o povo (Estado das maiorias sociais). Para os bolcheviques, tal é impossível. O poder burguês em qualquer de suas formas históricas é exercido como monopólio. Suas formas parlamentares são jogos para distração entre diferentes grupos da(s) classe(s) dominante(s). Trata-se apenas de “cretinismo parlamentar” (K. Marx).

Assim, o Estado que cabe à aliança operário-camponesa construir, resulta da tomada e destruição do Estado burguês, através de métodos insurrecionais. Na história, “a violência é a parteira da nova sociedade” (F. Engels). Não se pode chegar a uma nova sociedade através de métodos de domesticação das antigas classes dominantes. Tais classes não se deixam domesticar.

O leninismo se baseia em duas observações da época do imperialismo: (a) o crescente desenvolvimento desigual entre os diferentes países; (b) o acirramento pelo capital da exploração dos países coloniais e dependentes. Nessa situação, a revolução mundial só se torna possível pelo “caminho universal da Revolução de Outubro”, qual seja, a tomada de cada poder local por via da luta que – no entender leninista – assume diferentes formas. No entanto, o fato de a tomada do poder assumir diferentes formas, situação imposta pelas diferentes relações de forças, não autoriza acreditar que o balanço das possibilidades leve a uma transição pacífica com as classes exploradoras.

## **A Centelha**

“... dezenas de milhões de homens não fazem a revolução pelo simples conselho de um partido. Só com uma vanguarda não se pode obter a vitória. ... dezenas de milhões de homens não fazem a revolução por tarefa, mas a fazem quando o povo está encurralado em uma situação impossível; quando o impulso geral, a decisão de dezenas de milhões de homens rompem todas as antigas barreiras e estão verdadeiramente em condições de criar uma vida nova.”

V. I. Lenin (Obras completas, tomo XXV)

É crença inseparável do conceito leninista de luta revolucionária que a revolução se prepara durante um longo período, para manifestar-se aqui em momentos conjunturais que se denominam, cada qual, “situação revolucionária”. Um barril de pólvora não explode sozinho. Ele precisa de uma motivação, de uma centelha

que lhe venha facultar passar a um outro estado... A propósito, diz Otto Kuusinen, camarada finlandês que serviu na Frota do Báltico e participou das revoluções de 1917.

“Toda revolução digna de ser chamada assim é a ação de amplas massas populares, que se erguem numa luta sem tréguas, plenamente decididas a modificar a ordem social e as condições de sua existência. Mas, quando se trata da luta de classes e povos inteiros, seria ingênuo pensar que se pode levá-los à ação pelo capricho de quem quer que seja. Os povos e as classes erguem-se à luta sob a influência de motivos profundos, que tem origem nas condições objetivas de sua vida.’

‘O leninismo elaborou os critérios gerais para julgar se as condições para a revolução estão maduras, se a situação objetiva propicia a luta das massas pelo poder. Na linguagem política, tal situação favorável denomina-se situação revolucionária.’

‘Lênin indicava que a situação revolucionária se caracteriza por três indícios principais: 1) A impossibilidade, para as classes dominantes, de conservar seu domínio sob a forma de antes. Uma crise na ‘cúpula’, crise de política de classe dominante, com a qual se abre uma fenda por onde se infiltram o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que ocorra a revolução não é suficiente, em geral, que ‘os de baixo não queiram viver como antes’, mas é preciso também que ‘os de cima não possam viver como antes’. 2) Um agravamento acima do comum das privações e males que afetam as classes oprimidas. 3) Uma elevação considerável, por força das causas indicadas, da atividade das massas, que no período ‘pacífico’ se deixam explorar passivamente, mas que, em tempos tempestuosos, são atraídas, tanto pela situação de crise como pela própria ‘cúpula’, a uma ação histórica independente.’

‘Sem estas modificações objetivas, independentes da vontade tanto de grupos e partidos como de uma outra classe, a revolução – em regra geral – é impossível. O conjunto destas mudanças é o que se denomina situação revolucionária.

‘Particularmente importante é a observação de Lênine no sentido de que, para chegar a uma situação revolucionária, não basta que as massas estejam descontentes e indignadas. Além disso, para que haja a revolução é necessário que as classes dominantes não possam viver e governar como antes. Em outras palavras, a revolução é impossível sem uma crise que abarque toda a nação, isto é, tanto os ‘debaixo’ como os ‘de cima’. Disto se conclui que o partido revolucionário da classe operária não pode construir sua tática partindo apenas do estado de espírito das massas; deve ter em conta também a conduta das classes dominantes.’

‘A situação revolucionária surgiu quando a política dos círculos dominantes entrou em bancarrota e chegou a um beco sem saída, quando nas massas populares

criaram e se amplia o descontentamento e na 'cúpula' reina a confusão, quando, como se diz, flutua no ar a ideia de mudanças radicais. Isto ocorre geralmente nos períodos tempestuosos da história, quando a sorte das classes e de povo inteiros depende de uma ou de outra mudança dos acontecimentos. As massas neste momento encontram-se diante de uma opção: ou um caminho ou outro, não havendo terceira alternativa. Elas se levantam para a derrocada do poder existente porque se convencem, por sua própria experiência, da impossibilidade de outro meio para alcançar a satisfação de seus interesses vitais e essenciais.”

Comentei eu certa vez:

“O que os comunistas notoriamente desejam é a organização popular, para que os trabalhadores e pobres possam lutar por seus direitos sociais e democráticos. Não é justo que uma família tenha quatro ou cinco casas, inclusive fora do país, e os pobres tenham apenas um barraco feito com latas abertas ou tábuas pobres recolhidas do lixo. Isso é a injusta distribuição. Não se precisa nem de tão ricos, nem de tão pobres. E mais: semelhante ponto de vista não é apenas dos comunistas, mas de milhões de outras pessoas, das mais diferentes crenças, em todas as partes.

A luta contra a injusta distribuição é o maior problema da História, o motor da luta de classes (e não vontades pessoais...). Na verdade, 1% detém 50 a 60% da riqueza, e isso sempre foi assim. Contudo, hoje em dia, num mundo coalhado de máquinas ou equipamentos, não há necessidade de pobreza ou de miséria, a menos que se encare o mundo do ponto de vista exclusivamente do capital. E esta é a luta do partido operário: esclarecer as massas de outro ponto de vista que aquele do capital.

Então, se as pessoas lutam, se os trabalhadores e os pobres desejam alcançar uma sociedade com uma distribuição de bens mais justa, correm os reacionários a ameaçá-los com o golpe, guerra civil, massacre, etc. Ora, parece que ignoram ser a vida quotidiana dos trabalhadores e dos pobres um verdadeiro massacre. Falta comida, roupa, saúde, transporte, casa educação, falta tudo para o povo pobre e os salários, quando 'aumentados' não corrigem sequer a inflação passada. É natural que os trabalhadores e os pobres não queira prosseguir desta forma. É natural que queiram mudanças para melhor. Diz Kuusinen:

‘A guerra não é a fonte, nem a condição necessária das revoluções. Isto é demonstrado, em particular, pela experiência das revoluções de libertação nacional dos últimos tempos. Anteriormente, tais revoluções, em regra geral, só podiam ter êxito numa situação de crise e de confusão causada pela guerra imperialista. Agora

conhecemos exemplos de revoluções democráticas vitoriosas em tempo de paz, como a revolução no Iraque (1958) e a insurreição popular em Cuba (1959)'

'O marxismo-leninismo ensina que a revolução proletária é a consequência de um extremo aguçamento das contradições sociais e políticas. Entretanto, como já dissemos antes, na época atual, semelhante aguçamento se tornou um estado crônico na maioria dos países do capitalismo contemporâneo, que sofre profundíssima crise geral.'

'Nestas condições, para que as contradições internas do capitalismo se manifestem com enorme força não é necessário esperar guerras ou quaisquer impulsos exteriores. Com o alto grau de consciência e organização que atingiu em nossa época o movimento operário revolucionário, com a existência de condições internacionais favoráveis, a explosão revolucionária pode ocorrer também como resultado dos processos que se desenvolvem na vida econômica e política dos países capitalistas.'

'O crescente enfraquecimento interno do capitalismo é a causa decisiva e inevitável de que os trabalhadores, encontrando-se sob o jugo do capital, passam esperar novos e novos êxitos no grandioso movimento por sua emancipação social.'

Portanto, a guerra civil é uma situação em que as forças retrogradadas internas e externas se unem para pôr fim à luta legítima de um povo, para corrigir em seu território a injusta distribuição. As classes reacionárias em geral se socorrem no exterior de quadros e de meios para massacrar o povo que mantinha até pouco dominado. Os estudos dos conflitos do século 19 e 20 mostram isso com toda clareza. Não é o movimento da causa popular que causa guerra civil, mas a incapacidade das classes dominantes de aceitar reformas.

## O papel subjetivo

“Quanto mais preparada for a insurreição menor será seu custo posterior, vencedora ou não”

Osip Piatniski

Diz Kuusinen:

“Todavia, como indica Lênin, a revolução não surge de qualquer situação revolucionária, mas somente quando as condições objetivas necessárias se unem às condições subjetivas. Um papel é desempenhado pela capacidade e pelo grau de preparação da classe operária para ação decisiva, que deve ser suficientemente poderosa a fim de destruir ou enfraquecer o poder existente, pois este nunca, nem mesmo na época de crise, ‘cai’ por si mesmo, se não o ‘derrubam’.”

Havia eu acrescentado ao comentário de Kuusinen:

“Os quadros marxistas-leninistas estudaram detalhadamente as características das lutas sociais e políticas para formular os traços gerais dos métodos de luta que, do ponto de vista de sua materialização, decidem a sorte temporária de todos os povos. Os marxistas consideram a guerra um estado extraordinário da vida social, em que cada facção beligerante deseja continuar sua política traçada, ignorando os interesses da outra ou das outras fracções.

Ao prosseguir sob ‘formas especiais’ as ações políticas o conflito se generaliza e uma parte deve impor, portanto, por quaisquer meios, sua vontade à outra (s). O caráter de classe da política determina, assim, o caráter de classe do conflito, mesmo que esse se torne uma guerra. O marxismo entende que há três etapas estratégicas, quando se estabelece a análise da relação de forças: defensiva, equilíbrio e ofensiva. Consequentemente, a tática deve compreender as fases: defesa, equilíbrio e ataque. Todas as etapas da estratégia e da tática são contraditórias, isto é, dialeticamente, compreende dentro de si inferioridade, equilíbrio e superioridade.

O ponto de vista classista do marxismo-leninismo parte sempre do ponto de mobilização das massas por formas pacíficas, mas reconhece que não se deve conduzir as massas à luta social e política para serem massacradas. Por isso, admite diferentes métodos de luta, com formas de resistência democrática contra a violência inimiga de classe. Estas formas de resistência podem se dar no processo de luta por meio de uma ou várias greves gerais, ou não; e pode-se dar em luta contra a mudança da forma ou das formas de luta de classes dominantes degenerando a situação revolucionária assim em diferentes formas de guerra civil. Diz Kuusinen:

‘Entre as causas objetivas que agravam a situação, o papel decisivo corresponde, via de regra, aos fatores econômicos, ao sério pioramento das privações das classes oprimidas. Um reforçamento sem precedentes da exploração, o desemprego, em massa, o aumento rápido do custo de vida, fenômenos de crise na economia, que privam as massas de segurança no dia de amanhã e de perspectivas para o futuro, são fatores que, sem dúvida, tornam muito provável a explosão da atividade revolucionária das massas. Entretanto, os marxistas nunca consideraram as causas materiais como únicos fatores que radicalizam a consciência e a vontade das massas trabalhadoras’.

Portanto, é compreensível que as massas populares cheguem ao enfrentamento armado com as forças retrógradas que dominam a sociedade, numa série de situações: (a) repressão criminosa contra greves ou contra a greve geral; (b) esfomeamento sistemático dos trabalhadores e dos pobres; (c) massacres e genocídios dirigidos contra as forças populares; (d) golpes de estado, revertendo as expectativas sociais, etc. O povo comum jamais busca o enfrentamento com a ordem repressiva. Contudo, a brutalidade das classes dominantes, que nega a condição humana a pobres e trabalhadores, pode levar a semelhante situação.

O leninismo é totalmente dirigido pelo sistema de conselho diretivos (comitês) e cada estrutura sua está enquadrada pelo chamado centralismo democrático.

Tal centralismo não é nada mais que a doutrina de Rousseau sobre (a) a soberania da assembleia, que toma as decisões e é a entidade máxima, quando a assembleia se reúne; e (b) a política de condução das decisões por um colegiado (os quadros a serviço do povo), órgão supremo no intervalo das assembleias. Estes método organizativo é tornado vivo por uma ciência política única, o leninismo, que elabora, com base na análise da correlação de forças, o plano de ação, seja imediato (tático) ou mediato (estratégico).

A análise da correlação de forças situa o organismo de ação (partido, comitê ou célula) no mundo, através de três interpretações situacionais: (1) global; (2) nacional; e (3) local. Os quadros se formam na ação leninista por via da elaboração teórica e na ação da tática e da estratégia, expressando assim o potencial da mudança revolucionária das forças produtivas. A doutrina política leninista corresponde, pois, ao nervo e à energia da estrutura política do proletariado e do povo trabalhador (que inclui o campesinado pobre).

É fácil perceber que a tal doutrina política corresponde sua contraparte, uma doutrina militar do proletariado. Esta doutrina militar permite ao partido pôr de pé todas as estruturas da autodefesa e até de guerra ofensiva que a manutenção da independência de classe, ou a tomada do poder, venham requerer. Os princípios da doutrina socialista, assim, em sua versão leninista, tornam possível “tomar o céu do assalto”, como na célebre divisa que comenta a Comuna de Paris. Para Lenine, tudo isso se situa no pleno de arte operativa, isto é, tudo aquilo que é concebido é em seguida planejado em detalhe e tornado materialmente possível, antes que a situação prevista se apresente. Só a antecipação da mudança tática, ou estratégica, que se fará necessária constitui para ele um “antídoto à derrota” e à “garantia prévia da vitória”.

O trabalho da III Internacional, contudo, ver-se-ia gradualmente prejudicado pela luta travada entre Zinoviev, seu líder, e Stálin pelo poder soviético. Depois que a “Troika” (os dois citados mais Kamenev) se livraram politicamente com facilidade do “neobolchevique” Trotsky, em 1925, acirrou-se a hostilidade entre Grigory (1883 – 1936) e Joseph Stálin (1878 – 1953). Apesar de Grigory Zinoviev haver se subordinado a Joseph Stálin em 1928, o georgiano não confiava nele a III internacional, como organização que o embasava, continuou a ser lentamente asfixiada. A numerosa equipe dirigente da mesma ver-se-ia para sempre marcada pela colaboração com Zinoviev, sendo o camarada Ercoli (Palmiro Togliatti), secretário de agitação e propaganda da mesma, um dos poucos que sobreviveu à “depuração stalinista” (1936 – 1938).

Desse modo, pode-se considerar a III Internacional como uma organização, na prática formativa e orientadora, extinta com aquela depuração política (1938). Seguiu-se-lhe a Segunda Guerra Mundial e os quadros sobreviventes foram levados à luta aberta ou



clandestina das diferentes frentes. Contudo, quadros se formaram dos conflitos na França, Espanha e Balcãs. Com a segunda guerra mundial, a generalização do conflito permitiria frutificar, particularmente na Ásia e Oceania muitas das sementes lançadas pelo famoso Komintern (Comissão Executiva da Terceira Associação Internacional Comunista). Quanto aos PCs de países que não se beneficiaram dos ensinamentos do Komintern, já nada se podia fazer por eles, mesmo no começo da segunda guerra mundial. Para tais partidos, o leninismo permaneceria um tesouro perdido em algum lugar do tempo.

O poder do leninismo, e a sua principal distinção quanto ao marxismo de Marx, é que ele leva ao máximo o fator subjetivo na luta revolucionária. Lenine de alguma forma percebeu o beco-sem-saída de uma teoria marxista dependente do evolucionismo e procurou apresentar como sua continuação uma teoria puramente lógica – embora de base histórica – da crise contemporânea, através da caracterização do imperialismo como uma ampla etapa de coroamento da evolução capitalista. A história, portanto, havia chegado a um grande descampado, um mundo global dominado por oligopólios, onde as duas classes fundamentais – a burguesia e o proletariado – travariam suas últimas e definitivas batalhas.

Através da teoria da “ruptura do elo mais fraco”, Lenine recriou desde Engels uma teoria militar marxista que uniu – diferentemente de Marx – à teoria política marxista de crise capitalista. Com Lenine, os marxistas passavam a possuir uma doutrina político-militar marxista, um corpo teórico completo e único, que faltava inclusive à própria burguesia como classe dominante. Em 1930, o quadro treinado pelo Komintern ou pelo Exército Vermelho em guerra e insurreição, segundo a teoria leninista, possuía um arsenal teórico completo, que permitia tentar a revolução em quaisquer condições.

## **Uma conclusão**

Coloca-se então o problema. No momento em que a I.C. pareceu completar uma geração de quadros bolcheviques, habilitados pela experiência política a levar adiante o “caminho universal da Revolução de Outubro”, a mudança de cenário em escala mundial levou ao desaparecimento temporário da “burguesia internacional” e da “ditadura do proletariado” como solução particular de cada país. A otimização do potencial insurrecional viu-se bloqueada por um novo ponto crítico. Ante a impossibilidade tática de lançar o nazifascismo diretamente contra a União Soviética, prevaleceu a contradição interimperialista e a “burguesia internacional” se dividiu. Dessa forma paradoxal, a I.C. foi bem sucedida, fazendo perder sentido sua existência. O “socialismo em um só país” podia agora – no contexto da segunda grande guerra – se aliar ao lado democrático da burguesia. O curso da guerra permitiria àqueles partidos e movimentos que haviam

formado direção alternativa na experiência do leninismo construir suas próprias “frentes nacionais” e alcançar o poder, como ocorreu na Iugoslávia, na China e no Vietnã. Outros puderam fazê-lo com a ajuda do criterioso Exército Vermelho Soviético. Terceiros, ainda, como a França, Itália e a Grécia, viram escapar-lhes a oportunidade.

O novo ponto crítico se reforçava com a derrota do nazifascismo no conflito. Os EUA estendiam agora a sua hegemonia por todo o planeta e o capital financeiro haveria de reerguer-se e a partir dali, numa nova pirâmide unimodal. No novo pós-guerra, os oligopólios haveriam de guardar uma nova hierarquia, a ser assumida no momento seguinte (1962-2008), Sem a “terceira onda revolucionária” tornar-se vitoriosa, a União Soviética soçobrou, como cabeça de um corpo fragilizado. Ela só poderia haver sido salva por revoluções nacionais de grande peso estratégico, que já agora ela não ousaria organizar, pelo peso de seus compromissos com o grande capital, tornado um novo sujeito centralizado.

Deste modo, depois do fim da I.C., o fim da União Soviética se tornou uma questão de tempo. Desaparecido o empuxo europeu por formar direções leninistas, viram-se os embriões revolucionários na periferia entregues à sua própria sorte, sendo gradualmente aniquilados em toda parte (1945 – 1994).

Pode-se perceber, deixando de lado a pertinência ideológica, que a crise da Primeira Guerra e do chamado Entre Guerras foi resultado de um novo patamar de perfídia que as classes dominantes haviam logrado construir, em total desprezo à prudência e à necessária eternidade do status quo, que resulta de uma razoável redistribuição de renda. Entre 1870 e 1939, a ganância atingiu por fim um patamar antes nunca visto. Daí – de certo modo – as revoluções e a indignação bolcheviques.

No entanto, o que hoje se vê? Não são só os pobres que não têm memória, os ricos também tudo esquecem. O capital financeiro está de volta, forte e poderoso. O parasitismo social atingiu novos níveis. A ganância transborda da taça e ameaça afogar os que nada têm. O servilismo e a admiração que os pobres têm pelos ricos caminha para um novo colapso. Que dizer das “novas condições objetivas”?

No entanto, “as condições objetivas” que haviam criado o projeto insurrecional continuam vivas. Hoje, veem-se até agravadas, 53% da propriedade e do patrimônio no planeta pertencem a apenas oitenta pessoas. A humanidade deverá dobrar seu número nos próximos cinquenta anos. Declarou Warren Buffet: “Há uma luta de classes, e a minha classe está vencendo”. Vê-se que o materialismo e o pensamento bolchevique estão hoje mais fortes do que nunca. A história nunca acaba e novas insurreições se aproximam, diria certamente da época atual um quadro bolchevique.

## Bibliografia

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Sobre a Estratégia Leninista*. Revista Moura, ano 5, nº8, dezembro de 2013

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Curso Médio do Partido Comunista*. RJ/SP: 1962 (disponível em: <https://sites.google.com/site/dnbwilson/histriasocial>)

BLANQUI, Louis Auguste. *Instructions pour une prise d'armes*. Cent Pages (ed.), 2003.

KUUSINEN, Otto. *Manual de Marxismo-Leninismo*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1963.

NEUBERG, A. *La Insurrección Armada*. Buenos Aires: Ed, La Rosa Blindada, 1972.

LUSSU, Emilio. *Teoría de los Procesos Insurreccionales Contemporáneos*. Buenos Aires: Editorial Tempo Contemporáneo, 1972.

STÁLIN, Joseph. *A Estratégia e a Tática dos Comunistas*. Beira Douro: Edições Maria da Fonte, 1976.

\*